



Discurso

DO ORADOR OFFICIAL PADRE VALDEVINO NOGUEIRA POR
OCCASIÃO DA RECEPÇÃO DO ACADEMICO
J. RODRIGUES DE CARVALHO

Senhores da Academia!

Não sei que admiravel semelhança é essa que nas minhas demoradas reflexões de estudioso humilde vejo sempre entre a vida e o mar: — os mesmos estos, as mesmas tormentas, as mesmas inconstancias e a mesma brusca mobilidade assustadora. O mar é o vento encrespando a vaga e a vaga acariciando a praia; é a bonança desfallecendo na tempestade e a tempestade ruindo na bonança; é a procella revolucionando a onda e a onda dominando a procella; é o abysmo se furtando á luz e a luz denunciando o abysmo. E a vida? E' o pranto afogando o riso e o riso embebendo o pranto; é a colera tyrannizando o amor e o amor serenizando a colera: é o infortunio desfazendo a ventura e a ventura sobrepondo-se ao infortunio; é a dor dilacerando a alma e a alma repellindo a dor.

Como o mar, tambem a vida tem vagas delicias que murmuram caricias e vagalhões tremendos que rugem ferocidades; horisontes largos onde a alvorada canta a cavatina da luz e abysmos fundos onde a treva tece um labyrintho de mysterios; brisas perfumosas que solfejam hymnos de

amor e ventos inflamados que espalham gritos de morte; restingas traiçoeiras que geram tristes naufragios e amenos portos que garantem paz e salvamento.

Não sei si para os outros, mas decidamente para mim o mar é a mais perfeita, é a mais bella imagem da vida humana, porque a vida humana é perfeitamente um oceano de lagrimas, onde ao par da gondola faceira do amor e da ternura, do riso e do prazer, baloiça-se em tragicas singraduras o brigue fatidico da augustia e do tormento, da dor e do martyrio.

E n'esse dilatado mar de aguas prateadas, a espelharem o sol n'uma exuberancia iriante de luz, n'esse inmenso oceano das lagrimas de todos os homens, o homem, sempre avido de gosos, o bem na dextra nervosa e forte, os olhos na bussola que aponta a derrota e no formoso ceo azul que ri-se nas estrellas alviçareiras, deixa correr vertiginosamente o pareo mysterioso,—a gondola do riso e o brigue da tristeza,—dois atomos a perderem-se entre duas immensidades—o oceano da vida e o firmamento da historia.

Senhores! O futuro é a Colchida longinqua onde rebrilha n'um estufiamento de chispas cambiantes o aureo vello das nossas loiras esperanças: para lá seguem, rumo direito, as náus desaparecidas, as náus aventureiras dos nossos grandes destinos.

Mas quantas vezes ao entoarmos o cantico triumphal da victoria, ao pegarmos, tremulos de emoção, no vello desejado, no vello ardentemente buscado, o riso que brinca em nossos labios tem lagrimas para a dor que geme em nossos corações? Quantas vezes ao sorrir-nos a realidade santa dos nossos desejos, choram-nos dentro d'alma as dolentissimas saudades de um companheiro amigo que tragaram as ondas na longa travessia do futuro?

Mas a vida é isto mesmo: a lagrima perolisando o riso, a dor fundamentando o goso. Querer que a vida não seja isto, é querer que o homem não seja homem; é pretender que o mundo deixe de ser a terra do exilio, onde as nossas almas immortaes vivem do pungir amargo da saudade, da suprema nostalgia do infinito.

Senhores da Academia !

Encarregastes-me de dar resposta condigna ao luminoso discurso, aos rasgos de gentileza do illustrado collega que acaba de entrar para o convivio das nossas idéas, a commungar connosco a hostia pura da sciencia nas sagradas aras da tolerancia.

Bem-vindo seja elle. E' mais um estudioso conspicuo que, — adorando as polychomicas refrações da luz coada pelas arestas do diamante, extasiando se ante a solemne magestade do sol a accender as labaredas do incendio nas planuras dilatadas do occidente, e pasmando de ver a ousadia doida do vulcão a cuspir para o ceo um oceano rubro de fogo, — veio dar-nos o glorioso exemplo de um grande espirito, rico de nobres aspirações, que deixando o corpo a suppliciar-se de numerar na atmosphaera azinhavrada de um gabinete bancario, sobe nas asas pandas do estro a ir poisar na crista illuminada do monte sagrado, onde reina, esplendidamente bello, n'uma resplandescencia rutilante de auroras, o genio soberano da poesia.

Poeta, o Sr. Rodrigues de Carvalho veio ainda dar á phisionomia austera do nosso futuroso Instituto uma feição característica de graça, mas d'essa graça cantante, d'essa graça rica de emoções deliciosas, verdadeira joia de subido preço engastada no oiro fino da inspiração. Não ha duvidar, a poesia, filha genuina, filha graciosa do coração, pode occupar perfeitamente um logar distinctissimo ao lado da sciencia. altiva, a dominadora filha da razão.

Bem quizera eu, pois, me sobrassem oratorios talentos para fidalgamente saudar o novo Academico, o inspirado poeta do *Coração*; bem quizera que n'este dia de tamanha solemnidade, em que uma grande alegria e uma grande recordação, um grande gosto e uma grande saudade absorvem o pensamento e disputam o coração da nobilissima «Academia Cearense», bem quizera que a minha palavra tivesse a tonalidade vibrante da palavra electrizadora dos grandes tribunos, — fosse ao mesmo tempo luz e pincel e tracejasse e illuminasse admiravelmente bem o quadro genial d'este grandioso momento da nossa vida academica.

Mas posso eu fitar o sol que me deslumbra? mas posso

eu sondar o oceano que é tão fundo? mas posso eu abarcar o firmamento que é tão largo? Se ha momentos que não cabem n'um seculo, este não me cabe no cerebro.

E' que a vida das sociedades é como a vida dos individuos: ao lado das grandes alegrias gemem as grandes dores, e ao lado dos grandes gostos choram as tristes saudades. Entre um tumulto que se abre e um vivo que triumpha, o coração balança e a mente não resolve de prompto e definitivamente o que é mais sympathico, o que é mais sublime—si a apothese que canta, si a saudade que chora.

Perfeita sociedade humana, sujeita aos mesmos contrastes, aos mesmos caprichos e as mesmas alternativas da vida individual, a preclarissima «Academia Cearense» verifica n'este momento altamente significativo que—si o coração é amigo da felicidade, a dor é amiga do coração; pois a sua apothese a Rodrigues de Carvalho é uma saudade pungente a José Carlos Junior. O grande prazer, que é presentemente a nota altisonante a vibrar doçuras de entusiasmo bem legitimos na alma dos «Academicos Cearenses,» acaba n'uma recordação anarissima, que como um soluço magoadado vae accordar o echo soturno de uma tumba humida ainda do sentido pranto do amor.

E quem nos avisa esta recordação? Quem para obedecer aos Estatutos da Academia entrelaçou os goivos da morte com os loiros da vida, casou a lagrima do passado com o riso do presente, esmaltou a saudade de hontem com a apothese de hoje?

Rodrigues de Carvalho, que falou e falou sentidamente, conscientemente da pessoa e das qualidades distinctissimas de José Carlos Junior. A sua palavra insinuante e corajosa traçou a pinceladas de luz o perfil sobremodo sympathico d'aquelle grande talento, d'aquelle grande alma que, no sereno deslizar da vida, só quiz ostentar riquezas de carinho para a familia e para os amigos e opulencia de modestia na manifestação dos seus variados conhecimentos scientificos e litterarios.

Foi um sabedor que nada quiz ensinar á posteridade, do mesmo modo que Rodrigues de Carvalho, seu digno successor, é um estudioso indefesso que muito quer apren-

der para dar lustre ao espirito finamente educado, para dar gloria á patria docemente amada.

Bem haja a memoria querida do velho companheiro, que dorme á sombra do passado; bemvindo seja o novo collega, que se ergueu cheio de vida por entre as saudações do presente, a fronte engrinaldada dos loiros do poeta e a alma a crear um mundo de gratas illusões, um ceo de formosas esperanças.

Senhores !

Contra a realidade atrocissima dos factos, repellindo, a viva força, a dor que dilacera a vida, a dor que opprime o coração, a dor que penetra até as ultimas divisões da alma, contra os caprichos da sorte adversa, levanta-se dentro de nós mesmos o solemne protesto da nossa consciencia firmada na grandeza ideal de nosso fim.

N'este mundo a questão de vida e morte para o homem é—o ser feliz. Para isso trabalha, para isso esforça-se, para isso moireja dia e noite, n'um apuro constante de todas as suas faculdades, n'um interesse vivo de todo seu coração, n'uma fome insaciavel de toda sua alma.

Mas, Senhores, não ha felicidade nas grandezas fementidas do mundo ! Na vida, n'esta vida transitoria, n'esta vida tempestuosa só ha verdadeira felicidade no trabalho, porque só ha felicidade verdadeira na virtude e na sciencia hypos-taticamente unidas, inseparavelmente juntas.

Procurem outros a felicidade nas rutilancias magneticas do oiro, a felicidade na volubilidade espectacular da gloria, a felicidade no deslumbramento indizivel do poder, a felicidade no gosar iniquas mundanidades corruptoras. . . que o sabio desdenha e despreza tudo isto, que para o sabio o prazer que não desfallece, o prazer que transfigura, que immaterialisa, que deifica o homem—é o prazer intellectual,—o prazer de descobrir verdades novas no dominio da sciencia, o prazer de dar á sua razão privilegiada a maior somma de luz possivel no dominio da virtude.

Por isso no mundo só o sabio, mas o verdadeiro sabio; que vê bem claro a suprema harmonia da razão e da fé, que proclama bem alto o supremo accordo da philosophia

e da theologia; que não enxerga o absurdo nos mysterios da Religião porque não o verifica nos mysterios da natureza, que admite o milagre no Christianismo porque reconhece o prodigio na sciencia que não se deshonra de amar a cruz, labaro triumphal da liberdade, porque não se envergonha de confessar o Christo, divino Libertador do genero humano; que crê na existencia e na omnipotencia de Deus, porque adora a sua imagem no homem e admira a sua providencia no universo; só o sabio de tamanho porte, de tão rija enfiatura, só elle não conhece o desespero, só elle gosa de alegrias profundas, sinceras, inalteraveis, immensamente compensadoras dos grandes martyrios da vida.

Ninguém lhe pode roubar a gloria de ser feliz, de ser grande, de dominar a intelligencia de todos, porque elle reina indiscutivelmente sobre todos pela realeza soberana do genio e do saber; e o seu gabinete, cheio de livros, cheio de instrumentos, severo e simples, vale mais, vale muito mais que os thronos de todos os reis.

Mas seremos nós porventura uma corporação de sabios, a gostar verdades saborosas por nós mesmos descobertas?

Senhores! Si não somos uma respeitavel corporação de sabios, queremos ser uma bella aggremação de estudiosos que gosam de ver na verdadeira sciencia a mais sublime conquista do espirito humano, o passo mais agigantado que o homem dá para Deus. Si a nossa Academia não pode ser ainda, como quer a sobrada gentileza do Sr. Rodrigues de Carvalho, o roble secular de franças ramalhudas e bastas, diluviando-se de raios quentes de sol, n'uma gana insaciavel de luz e de calor, affrontando a raiva furiosa da procella, n'uma impavidez herculea de gigante, e amparando n'um carinho ideal de sombras protectoras a multidão de pequenas plantas que lhe crescem ao pé; se a nossa Academia não pode ser o valle dominando e protegendo a floresta, bem pode ser a palmeira esguia, a formosa palmeira esvelta, que não tem sombra mas tem seiva, que não protege plantas mas acalenta ninhos, que não tem copa de ramos espalmados e sombrios, porque a sua gloria é ter a altiva fronte erguida para as nuvens a embevecer-se no pleno azul do firmamento.

E esta palmeira querida tem espaço bastante largo para acolher Rodrigues de Carvalho e a sua Musa, e sumir-se com elles no horisonte da gloria como a saudosa palmeira de Alencar sumio-se com Pery e Cecilia no horisonte immenso do mysterio. N'ella pode o poeta adoçar os amargores da existencia, conversando ternuras do coração com as Musas e esmerilhando grandezas da razão com a sciencia.

Bemvindo, pois, o companheiro amigo, o luctador esforçado, o glorioso aventureiro, que quer partilhar connosco o pão regenerador da sciencia, que quer enfrentar connosco a lucta generosa pelas patrias letras, que quer sentar-se ao nosso lado sob a tolda branca da gondola do prazer, mas do intimo prazer intellectual, para atravessar connosco o oceano da vida na longa derrota, que levamos para as regiões incognitas do futuro, talvez para as edenic plagas da immortalidade.

Senhores.

Cessou a viuvez dolente da cadeira de José Carlos: ao crepe de saudade que a cobria succedeu a gasé de riso e da festa que a esmalta agora.

Um vivo illustre vae honrar o memoria de um illustre extincto. Gloria lhe seja.

A «Academia Cearense» o saúda cavalheirosamente, e o acolhe com sincera alegria, com sincero desvanecimento, com sincero enthusiasmo.

DISSE.

